

FIGURAÇÕES DO FEMININO NA POESIA DE CASTRO ALVES E ÁLVARES DE AZEVEDO

FIGURES OF THE FEMININE IN THE POETRY OF CASTRO ALVES AND ÁLVARES DE AZEVEDO

OLIVA, Osmar Pereira

Doutor em Literatura Comparada. Docente do Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimonte.

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo discutir as representações do feminino na poesia de Castro Alves e Álvares de Azevedo, na perspectiva do erotismo. No Romantismo, a idealização da mulher era recorrente, no entanto, nestes poetas, as representações femininas são mais próximas da realidade e do contato corporal.

Palavras-chave: Romantismo, Feminino, Erotismo.

ABSTRACT

This essay aims to discuss the representations of the feminine in the poetry of Castro Alves and Álvares de Azevedo, in the perspective of eroticism. In Romanticism, the idealization of women was recurrent; however, in these poets, female representations are closer to reality and to bodily contact.

Keywords: Romanticism, Feminine, Eroticism.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX, era recorrente a produção literária voltada para a exaltação da pátria (devido à independência e à consolidação dos Estados-Nação) e para a subjetividade (como valorização do homem). Alguns escritores levaram ao extremo essa concepção de literatura, idealizando a natureza, a gente e a pátria onde nasceram, e que não correspondia, de fato, à realidade em que viviam. Por outro lado, produziram, também, uma literatura plena de sentimentalismos e de homenagens amorosas virginais à mulher amada. Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, afirma: “o eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo, recriando uma Idade Média gótica e embruxada. No espaço, fugindo para ermas paisagens ou para o Oriente exótico” (BOSI, 1997, p. 102).

Na primeira metade do século XIX, a mulher foi representada na literatura de uma

forma idealizada, pura e angelical, segundo a concepção platônica da mera contemplação, distante do contato corporal - um ser diáfano, imaginário e imaterial. Por trás dessas configurações, estava a subjetividade romântica, melancólica e afeita à dor e ao sofrimento. Esses aspectos apontados por Bosi (1997) podem ser comprovados em muitos escritos de meados dos oitocentos, mas há também outra produção literária, no mesmo período, que não se alinha com essa perspectiva de evasão e de idealização, como os poemas de Castro Alves e Álvares de Azevedo, nos quais se percebem representações de mulheres mais próximas da realidade e do contato corporal, além de expressões do desejo erótico tão contido pela convenção romântica.

As representações do feminino ganham um contorno especial, que tornam esses poetas diferentes dos demais românticos de seu tempo. Álvares de Azevedo constrói representações angelicais do feminino, que se apresenta, quase sempre, dormindo. Ainda de acordo com Al-

fredo Bosi, comentando a poética de Álvares de Azevedo, “Em vários níveis se apreendem as suas tendências para a evasão e para o sonho. A camada dos sonhos compõe ritmos frouxos, cientemente frouxos [...] melodias lânguidas e fáceis que se prestam antes à sugestão de atmosferas que ao recorte nítido de ambientes”. (BOSI, 1997, p.121). Vejamos essa configuração em “Soneto”:

Pálida à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!
(AZEVEDO, 1999, p. 72)

Nas duas primeiras estrofes, percebemos a idealização do objeto de desejo, pálida, virgem, angelical, embalada num leito de flores, ocupando um espaço onírico, espiritualizado, bem semelhante àquele construído pelos poetas simbolistas, o que garante uma aura imaterial e divinizada à mulher. Porém, na terceira estrofe, o eu-lírico apresenta algumas características que se opõem a essa imagem inocente do feminino, cedendo aos impulsos da força de Eros:

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...
(AZEVEDO, 1999, p.72)

O seio que palpita e as formas nuas que resvalam no leito garantem ao texto poético um caráter sensual e extremamente erótico, desmitificando, em certo sentido, a pureza inscrita nas duas primeiras estrofes; os olhos negros também se contrapõem à descrição da pele alva, pálida, embalsamada pelo clarão da lua. Essa breve revelação erótica parece ser eclipsada pela última estrofe, pois há uma sugestão de que essas descrições não passam de sonhos, alimentados pela delicada imaginação do eu-lírico:

Não te rias de mim, meu anjo lindo!

Por ti - as noites eu velei chorando,
Por ti - nos sonhos morrerei sorrindo!
(AZEVEDO, 1999, p. 72)

Como se vê, logo o feminino se reveste da sua “eterna” e etérea máscara de anjo, cabendo ao amante apenas a condição de contemplador, para velar e amar sonhando. Enquanto o eu-lírico admira a beleza e os encantos femininos, podendo até mesmo desejá-la sexualmente, essa possibilidade erótica e sensual fica interdita pela ausência da amada, através do sono. Como afirma o crítico Alcides Villaça:

É pelo paradigma das idealizações que se criam as expectativas românticas: na arte, ser um gênio; nas ações, ser um herói; no amor, ser o amante sublime da mulher mais pura. Tal paradigma podemos reconhecer pelo atuante critério da distância, sem a qual não há idealização. Distante é sempre a paisagem onde se poderiam viver as emoções sonhadas; distante está sempre a mulher mais virginal e virtuosa... (VILLAÇA, 1999, p. 11).

De forma que o espaço do onírico estabelece um distanciamento entre aquele que contempla e aquela que é desejada; mesmo que os dois estejam frente a frente, a vigília e o sono impedem qualquer contato físico, concreto. Esse posicionamento dentro e fora da realidade nos permite inferir que há um constrangimento exacerbado do eu-lírico, nomeadamente masculino, diante do corpo feminino, talvez um medo de ser reconhecido ou um complexo de desejo, como aparece no seguinte trecho:

Fui um doudo em sonhar tantos amores,
Que loucura, meu Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!

E ela, triste mulher, ela tão bela,
Dos seus anos na flor,
Por que havia sagrar pelos meus sonhos
Um suspiro de amor? (AZEVEDO, 1999, p. 47)

O que impede uma maior proximidade do eu-lírico daquela que ele observa com tanto apreço? Vergonha, incapacidade de revelar-se homem e assumir o seu papel no relacionamento amoroso? Ingenuidade adolescente? Temor da iniciação sexual? Consciência crítica de que não se deve tocar no objeto contemplado, para

que o feminino permaneça imaculado? É sob o signo da interdição erótica que devemos ler os poemas lírico-amorosos de Álvares de Azevedo. Neles, o eu-lírico sonha, observa cauteloso, suspira, seu coração palpita, se envergonha, se cora e desfalece, assumindo uma fragilidade tipicamente feminina. No entanto, é necessário apontar, também, um tom irônico nessas representações femininas construídas pelo poeta-adolescente. A exemplo, citemos um trecho do poema “É ela! É ela! É ela! É ela!”, em que o poeta desconstrói, radicalmente, os paradigmas de mulher romântica:

É ela! É ela! - murmurei tremendo,
E o eco ao longe murmurou - é ela!
Eu a vi - minha fada aérea e pura -
A minha lavadeira na janela!

Dessas águas-furtadas onde eu moro
Eu a vejo estendendo no telhado
Os vestidos de chita, as saias brancas;
Eu a vejo e suspiro enamorado!
(AZEVEDO, 1999, p. 180)

Primeiro, o objeto contemplado não é uma dama da corte, delicada, de tez alva e pura, e, sim, uma mulher comum, uma lavadeira que descansa enquanto a roupa lavada vai quorando ao sol. Segundo, ela dorme, ronca maviosamente e o eu-lírico vai-se aproximando cauteloso, temendo acordá-la. Mesmo que a ironia e o tom jocoso perpassem todo o poema, podemos perceber que o poeta procura resgatar e valorizar essa figuração da camponesa como uma musa inspiradora romântica, afinal, Carlota não fora tão humilde, nem por isso menos bela, a ponto de inspirar Werther? Portanto, Álvares de Azevedo, ironicamente, destigmatiza o padrão de mulher e de beleza romântica para construir uma figuração feminina um pouco mais concreta, mais popular, alçando-a ao mesmo patamar de sublimidade que Laura e Beatriz, musas clássicas. Mas o contato físico fica interdito, como sempre, através do onírico que se interpõe, separando os amantes:

Esta noite eu sonhei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!
(AZEVEDO, 1999, p. 180).

Na poética de Castro Alves, as figurações do feminino ganham um tom mais erótico, sensual e o eu-lírico revela-se mais audacioso. O contato entre os amantes torna-se mais carnal e “real”. Gostaríamos de chamar a atenção para os signos metonímicos da sensualidade que estão presentes em alguns desses poemas. Começaremos por “Boa-Noite”:

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora.
A lua nas janelas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! É tarde.... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes - Boa-noite.
Mas não digas assim por entre beijos...
Mas não mo digas descobrindo o peito,
- Mar de amor onde vagam meus desejos.

(ALVES, s/d., p. 43)

Nesse poema, apesar de estabelecer uma intensa intertextualidade com o clássico Romeu e Julieta, de Shakespeare, Castro Alves obnubila a contemplação platônica e o amor idealizado. Não se percebe, como em Álvares de Azevedo, o universo onírico, e, sim, o plano da “realidade”. Desta forma, a mulher desempenha um papel ativo no relacionamento amoroso, impedindo a partida do amante, utilizando as artimanhas invencíveis da sedução, apertando-o contra os seus seios, entre beijos, abraços e, sobretudo, descobrindo o peito. Que amante deixaria essa alcova? A construção do poema se faz, utilizando um vocabulário extremamente sensual e erótico, como se comprova nas seguintes estrofes:

É noite ainda! Brilha na cambraia
- Desmanchado o roupão, a espádua nua -
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as névoas se balouça a lua...

(...)

A frouxa luz da alabastrina lâmpada
Lambe voluptuosa os teus contornos...
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

(ALVES, s/d., p. 44)

Aqui, temos a figuração do feminino mais voluptuoso, bem diferente das configurações românticas; além disso, pode-se perceber, e isso é bastante recorrente em Castro Alves, a fragmentação da amada e do sujeito lírico, aludindo a uma possível infidelidade amorosa, ainda não tematizada com frequência no Romantismo. Nesse poema, o feminino vai-se duplicando. Primeiro ela é Maria, depois Julieta, Marion e, por último, Consuelo. Essa mesma fragmentação ou dispersão dos amantes pode ser comprovada no poema “Os três amores”:

Minh'alma é como a fronte sonhadora
Do louco bardo que Ferrara chora...
Sou Tasso!... a primavera de teus risos
De minha vida as solidões enflora...
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
Sigo na terra de teu passo os lumes...
- Tu és Eleonora...

Meu coração desmaia pensativo,
Cismando em tua rosa predileta.
Sou teu pálido amante vaporoso,
Sou teu Romeu... teu lânguido poeta!...
Sonho-te às vezes virgem... seminua...
Roubo-te um casto beijo à luz da lua...
- E tu és Julieta...

Na volúpia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan!... Donzelas amorosas,
Vós conheceis-me os trenós na viola!
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és - Júlia, a Espanhola!...
(ALVES, s/d., p. 26)

Como se vê, num processo de duplicação, não apenas da mulher amada, mas também do amante, o poema instaura uma gradação erótica, começando na primeira estrofe, através de uma mulher idealizada, distante do eu-lírico; na segunda estrofe, temos um clima mais sensual, quando a voz poética se “traveste” de Romeu, sonhando com a amada seminua, e, por último, a culminância do desejo ardente,

irrefreável, representado pelo mito máximo da sedução e do erotismo - D. Juan, e o ambiente voluptuoso das noites andaluzas, que faz o sangue arder, ao contemplar a mulher nua, no leito do amor. Portanto, as figurações do feminino na poética de Castro Alves são bastante singulares, em relação ao poeta Álvares de Azevedo, mas gostaríamos de apresentar, ainda, uma figuração da traição, em “O Adeus de Tereza”:

A primeira vez que eu fitei Teresa,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A valsa nos levou nos giros seus...
E amamos juntos.... E depois na sala
“Adeus” eu disse-lhe a tremer co'a fala...

E ela, corando, murmurou-me: “adeus.”

(...)

Quando voltei... era o palácio em festa!...
E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra
Preenchiam de amor o azul dos céus.
Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!
Foi a última vez que eu vi Tereza!... (ALVES, s/d: p. 34)

Na primeira estrofe, o eu-lírico prenuncia o contato corporal que se vai intensificando ao longo de todo o poema, desconstruindo a imagem idealizada da mulher amada, tornando-a mais acessível e erotizada. Foram séculos de delírio, prazeres divinais, gozos do empírio experimentados pelos amantes, até o momento da partida. Ao final do poema, temos o retorno do eu-lírico, que revela a sua decepção ao encontrar o palácio em festa, e a sua amada com um outro homem.

Desta forma, Castro Alves rasura a tradição romântica de cantar o amor e representar o feminino, o que prenuncia, em certo sentido as explorações sensuais e eróticas que os autores do final do século XIX realizarão, e que alguns críticos convencionaram chamar de Realismo Poético.

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. **Poesias Completas**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

AZEVEDO, Álvares. *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: FTD, 1999.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

VILLAÇA, Alcides. Na Intimidade Romântica. In: AZEVEDO, Álvares. *Lira dos Vinte Anos*. São Paulo: FTD, 1999. p. 09-21.